



## SEÇÃO LIVRE

# Mário Pedrosa e José Carlos Mariátegui: política e cultura para a liberdade<sup>1</sup>

*Mário Pedrosa and José Carlos Mariátegui: politics and culture for freedom*

*Mário Pedrosa y José Carlos Mariátegui: política y cultura para la libertad*

**Everaldo de Oliveira  
Andrade<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0001-6813-7562](https://orcid.org/0000-0001-6813-7562)

[everaldoandrade@usp.br](mailto:everaldoandrade@usp.br)

**Recebido em:** 7/3/2019.

**Aprovado em:** 7/8/2019.

**Publicado em:** 21/12/2020.

**Resumo:** Este artigo pretende investigar e problematizar acerca dos diferentes níveis de proximidade e similaridade dos percursos intelectuais e políticos de dois pensadores latino-americanos: Mário Pedrosa, no Brasil, e José Carlos Mariátegui, no Peru. Eles provavelmente sejam parte de uma mesma geração de militantes e intelectuais latino-americanos que buscava na interpretação crítica da realidade, traduzida em trajetórias comuns das metodologias e práticas de investigação, da reflexão teórica, além de suas atividades políticas, os caminhos para construir perspectivas de superação dos limites estreitos do desenvolvimento econômico e cultural em seus países. E, nesse sentido, busca-se referências para esta investigação não apenas nos debates historiográficos, mas no diálogo entre as correspondências e obras mais significativas de Mariátegui e Pedrosa. Após uma breve exposição biográfica e comparativa dos dois autores e de suas atividades políticas, pretende-se expor os pontos de contatos de suas reflexões e atividades nos campos da economia e do pensamento político e de suas contribuições comuns no terreno da crítica cultural.

**Palavras-chave:** Mariátegui. Mário Pedrosa. Brasil e Peru. Pensamento político latino-americano. Arte e cultura latino-americana.

**Abstract:** This article intends to investigate and to problematize about the different levels of proximity and similarity of the intellectual and political paths of two Latin American thinkers: Mário Pedrosa in Brazil and José Carlos Mariátegui in Peru. They are probably part of the same generation of Latin American militants and intellectuals who sought to interpret reality critically, translated into common trajectories of research methodologies and practices, theoretical reflection, and political activities, overcoming the narrow limits of economic and cultural development in their countries. In this sense, reference is made to this investigation not only in the historiographical debates, but in the dialogue the most significant correspondences and works of Mariátegui and Pedrosa. After a brief biographical and comparative exposition of the two authors and their political activities, it is intended to expose the points of contact of their reflections and activities in the fields of economics and political thought and their common contributions in the field of cultural criticism.

**Keywords:** Mariátegui. Mário Pedrosa. Brazil and Peru. Latin American political thought. Latin American art and culture.

**Resumen:** Este artículo pretende investigar y problematizar acerca de los diferentes niveles de proximidad y similitud de los itinerarios intelectuales y políticos de dos pensadores latinoamericanos: Mário Pedrosa en Brasil y José Carlos Mariátegui en Perú. Es probable que sean parte de una misma generación de militantes e intelectuales latinoamericanos que buscaban en la interpretación crítica de la realidad, traducida en trayectorias comunes de las metodologías y prácticas de investigación, de la reflexión teórica, además de sus actividades políticas, los caminos para construir perspectivas superación de los límites estrechos del desarrollo económico y cultural en sus países. Y en ese sentido se



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Este texto é fruto da comunicação realizada em Lima, Peru, durante o Simposio Internacional 7 Ensayos 90 años, de José Carlos Mariátegui, realizado entre os dias 18 e 19 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil.

buscan referencias para esa investigación no sólo en los debates historiográficos, sino en el diálogo las correspondencias y obras más significativas de Mariátegui y Pedrosa. Después de una breve exposición biográfica y comparativa de los dos autores y de sus actividades políticas, se pretende exponer los puntos de contactos de sus reflexiones y actividades en los campos de la economía y pensamiento político y de sus contribuciones comunes en el terreno de la crítica cultural.

**Palabras clave:** Mariátegui. Mário Pedrosa. Brasil y Perú. Pensamiento político latinoamericano. Arte y cultura latinoamericana.

## Introdução

Este texto pretende investigar e problematizar acerca dos diferentes níveis de proximidade e similaridade dos percursos intelectuais e políticos de dois pensadores latino-americanos: Mário Pedrosa no Brasil e José Carlos Mariátegui no Peru. Eles provavelmente sejam parte de uma mesma geração de militantes e intelectuais latino-americanos que buscavam na interpretação crítica da realidade, traduzida em trajetórias comuns de metodologias e práticas e na militância política, os caminhos para construir um novo futuro de superação dos limites estreitos do capitalismo em seus países. O debate intelectual e a ação política protagonizada por eles talvez seja expressão de uma trajetória coletiva de uma geração que sofreu o impacto da revolução de Outubro de 1917 e da Primeira Guerra mundial, mas também de um período em que, pelo menos em nosso continente, a revolução mexicana de 1910 e a revolta estudantil de Córdoba em 1918 deixaram marcas profundas. Depois de uma breve exposição biográfica e comparativa dos dois autores e de suas atividades políticas, pretende-se expor os pontos de contatos de suas reflexões e atividades nos campos da economia e pensamento político e de suas contribuições para a área de crítica cultural.

## A política revolucionária na contracorrente

Mariátegui nasceu na localidade de Moquegua, sul do Peru, em 14 de junho de 1894. Teve uma infância difícil e marcada por uma grave doença que o deixou longos períodos em tratamentos médicos. Começou a sua vida profissional em modestos trabalhos no diário limenho *La Prensa*

para em seguida iniciar-se como cronista. No ano de 1918 começa a se aproximar de ideias socialistas e funda com outros jovens a revista *Nuestra Epoca* e o jornal *La Razón*, ao mesmo tempo que tentam avançar um partido socialista e são sufocados pela repressão governamental. A ascensão do governo de Augusto Leguía, longe de abrir perspectivas progressistas ao país como muitos esperavam, empurra Mariátegui para um exílio forçado na Europa entre 1920-1923. Nesse período, ele trava contato com o movimento operário europeu, aproxima-se das correntes revolucionárias e inicia intenso contato com intelectuais, em particular na Itália.

O exílio de Mariátegui não terá outro significado senão o de fazê-lo envolver-se com o fogo revolucionário da Revolução Russa. Viaja pela Alemanha nos momentos em que a revolução de 1919 se desenvolvia naquele país. Assiste na Itália, no mesmo ano, à fundação do Partido Comunista Italiano (PCI) de Antônio Gramsci. Dirá depois, ao regressar à América, que se tornara "marxista convicto e confesso". A Revolução Russa o ajudará a consolidar suas convicções revolucionárias então latentes (GALINDO, 1980, p. 74-76). O seu amadurecimento como político e intelectual transparece com a sua volta ao Peru e a sua intensa atividade nos anos seguintes. Ele assiste a congressos indígenas e operários, retoma contato com lideranças locais, profere conferências nas Universidades Populares Gonzales Prada. Nesse breve e intenso período, ele escreve, estuda, age e se aproxima das raízes culturais e econômicas, sociais e políticas do seu país desde uma perspectiva nova. Elabora uma interpretação original da realidade peruana, andina e latino-americana através da sua atividade como publicista, firmando estruturas para a organização independente dos trabalhadores do seu país. Depois de atuar na Aliança Popular Revolucionaria Americana (Apra), inicialmente uma ampla frente anti-imperialista, entre os anos de 1926-1928 rompe com o líder Haya de la Torre e funda o Partido Socialista, em setembro de 1928, se aproximando e integrando a IIIª Internacional ou Internacional Comunista (IC). Nesse mesmo

ano, também é publicada sua obra maior *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*. Essa intensa e rica atividade política e cultural desenvolvida em poucos anos constitui-se em patrimônio cultural e político explorado pelas gerações seguintes de ativistas políticos, sociais e intelectuais de diferentes matizes.

Mário Pedrosa foi um dos personagens mais extraordinários da militância, do pensamento socialista e da crítica artística no Brasil. Nasceu no estado de Pernambuco, na cidade de Timbaúba, em 25 de abril de 1900. Sua trajetória, ao longo dos seus mais de 80 anos de vida, foi marcada por dois exílios, durante a ditadura de Getúlio Vargas e na Ditadura Militar de 1964, tendo sofrido perseguições políticas sistemáticas por conta de suas posições políticas. Deixou contribuições fundamentais para a reflexão tanto no campo do pensamento econômico e cultural como da política latino-americana. Ele se iniciou como militante no interior do jovem Partido Comunista Brasileiro (PCB) da década de 1920 e, posteriormente, nas fileiras do trotskismo na década 1930. Percorreu os caminhos tortuosos do Partido Socialista nas décadas de 1950 e 1960. Nesse período tornou-se crítico de arte e referência internacional em sua área, além de publicar de maneira sistemática em diversos jornais do País sobre crítica de artes e política nacional e internacional. Seguiu atuando como militante político nos primeiros anos da ditadura e fazendo denúncias internacionais dos crimes da ditadura brasileira. Fugiu do País e se exilou no Chile em 1970, após ameaças diretas a sua vida. Após o segundo exílio, quando participou do governo de Salvador Allende e organizou o famoso Museu da Solidariedade, mergulhou em seus últimos anos de vida nas mobilizações pela construção do Partido dos Trabalhadores (PT). Teve a honra de assinar a ficha de filiação n.º 1 do partido em 1980.

Mariátegui e Mário Pedrosa foram igualmente intelectuais e organizadores políticos, dirigentes

de organizações revolucionárias em suas trajetórias aparentemente díspares. Em breves anos no final da década de 1920 atuaram em uma mesma organização, durante a primeira fase da Internacional Comunista, e com posições políticas muito próximas em vários aspectos. A esse respeito destaca-se ao lado do talento teórico, a determinação de ambos para enfrentar os imensos desafios de organizadores do movimento operário revolucionário em seus momentos iniciais e em suas especificidades nacionais.

Mariátegui buscou no terreno da organização política afastar-se de qualquer posição doutrinária, autoproclamatória e distante da capacidade e nível de consciência política das massas trabalhadoras do seu país. Na curta trajetória de dirigente político o célebre revolucionário peruano criou em poucos anos do final da década de 1920 uma revista seminal – a *Amauta* – para combater e agrupar uma vanguarda política e intelectual, para dialogar com a massa dos trabalhadores, para ampliar a influência política das posições revolucionárias do marxismo. Mas ele foi além ao impulsionar uma central sindical, a Central Geral dos Trabalhadores Peruanos (CGTP) e um partido político, o *Partido Socialista* (PS), além de um jornal – o *Labor*. Tratava-se de dialogar com a realidade local antes que construir um partido desde um modelo pronto e de cima para baixo, e estamos falando já de uma época em que estava fundada a IC com a proposta de difusão mundial do modelo de partido bolchevique. Mariátegui, porém, considerava necessário um período de transição para a construção do partido revolucionário peruano.<sup>3</sup> Antes de fundar o PS houve um período de disputas dentro da Apra. Quando Haya de la Torre decide lançar o Partido Nacionalista Libertador (PNL) e depois transformar a Apra de frente única em partido, Mariátegui se opõe. Para ele, essa seria não mais que a versão peruana do Kuomintang, o partido nacionalista chinês, que incorporou de forma subordinada o movimento

<sup>3</sup> Ver a respeito livro de Jorge Villarán que defende Mariátegui e sua concepção de partido contrária ao stalinismo centralista e burocrático e principalmente a política ultrassectária do 2.º período ou "classe contra classe" (VILLARAN, 1987, p. 134). Por outro lado, Antonio Melis defendeu a hipótese de que o modelo de partido defendido por Mariátegui seria uma maneira original ainda que dentro da experiência leninista e que estaria mais próxima de uma busca em termos andinos de um conceito gramsciano de hegemonia...ou de uma política de frente popular nos termos defendidos pelo stalinismo na década de 1930, o que seria um grande despropósito (MELIS, 1999, p. 213-214).

operário dirigido pelo Partido Comunista. Mariátegui defendia outro ponto de vista. A fundação do Partido Socialista (PS) respondia ao que Mariátegui caracterizava como uma contraposição à construção voluntarista e as declarações caudilhescas e eleitoreiras que via na declaração do Apra como partido rompendo as suas características de frente única (MARIÁTEGUI, 1984, p. 371-373). Para ele, a estratégia da revolução socialista deveria incorporar as demandas nacionais e democráticas, porém sob a liderança do proletariado sem se submeter à burguesia ou pequena burguesia. O PS, fundado sob sua liderança, deveria ser alternativa de independência de classe do proletariado peruano ao aprismo. Seu programa era voltado para responder com perspectivas às reivindicações dos trabalhadores: expropriação dos latifúndios com entrega das terras às comunidades, confisco das empresas estrangeiras, não reconhecimento das dívidas do Estado, jornada de 8 horas para os trabalhadores, armamento dos operários e camponeses para a sua autodefesa. Esse programa político deveria buscar articular de maneira clara a ação anti-imperialista com o socialismo (BELLOTTO, 1982, p. 76-78).

Além de enfrentar a repressão sistemática do governo de Augusto Leguía e o embate com o aprismo, Mariátegui e os seus camaradas começavam a sentir também mais diretamente as consequências da política stalinista. O amadurecimento político das iniciativas de Mariátegui deu-se em plena burocratização do movimento comunista, o que Mário Pedrosa também enfrentaria diretamente no mesmo momento no Brasil.<sup>4</sup> Após o 6º congresso a IC decidiu-se pela "bolchevização" dos partidos comunistas frente à suposta iminência da revolução, ou a chamada "política do 3º período". Essas resoluções foram vistas como imposição de cima para baixo de uma estrutura de organização muitas vezes bu-

rocrática e centralizada e que poderia reduzir a democracia interna dos partidos comunistas. A chamada "bolchevização dos partidos comunistas" chocou-se com a estratégia de Mariátegui de construção do Partido Socialista (PS) peruano via uma transição mais lenta. Essa previa um núcleo de comunistas atuando para ajudar uma parcela da vanguarda militante do movimento operário a avançar e aderir ao programa revolucionário, sob o risco de perdê-la para o aprismo. Seria necessário, assim, continuar agrupando mais amplamente novos militantes no momento em que o Apra ainda estava em constituição e disputando novos setores de trabalhadores.

Durante a 1.ª Conferência Comunista Latino-americana, realizada em Buenos Aires, entre os dias 1 e 12 de junho de 1929, as posições de Mariátegui e os seus camaradas sobre a tática transitória para construção do partido operário foram rechaçadas. E, após a sua morte prematura, em 1930, o seu legado será combatido pela direção stalinista por longos anos com uma política sectária para desqualificar a sua memória.<sup>5</sup> O PS será posteriormente "bolchevizado", perdendo a capacidade de elaboração crítica e ação política independente que Mariátegui começava a plantar. Por outro lado, o Apra irá crescer justamente nos setores populares e tornar-se o principal obstáculo ao fortalecimento de um movimento operário independente e revolucionário no Peru (VILLARAN, 1987, p. 120-133).

Nesse mesmo momento, no Brasil da década de 1920 começava a se destacar nos pequenos círculos intelectuais e políticos da esquerda brasileira a febril atividade do jovem Mário Pedrosa em um processo muitas vezes similar à trajetória de Mariátegui. A Revolução Russa de outubro de 1917 teve impacto não apenas em setores dos trabalhadores, mas sobre toda uma geração de jovens intelectualizados. Estes muitas vezes provi-

<sup>4</sup> Em meados da década de 1920, paralelamente aos desdobramentos da luta política peruana, aprofundava-se no interior do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), partido que dirigia a IC, grandes divergências. Nos países do chamado "capitalismo atrasado", os PCs eram orientados a construir alianças e se subordinarem aos partidos da burguesia nacionalista como o Kuomintang chinês tão admirado por Haya de la Torre. Na tentativa de reverter esse processo, surgiram setores de oposição no interior do PCUS, liderados inicialmente por Leon Trotsky, Kamenev e Zinoviev. Estes grupos se unificam em 1927 na Oposição de Esquerda Unificada. Logo em seguida, no 5º Congresso do PCUS, os seus membros foram expulsos (BROUÉ, 2007, p. 305-361).

<sup>5</sup> Um amplo levantamento de fontes documentadas de como Mariátegui foi combatido por estes setores políticos desde a década de 1930 está detalhadamente apresentado em VILLARAN, 1987, p. 157-174.

nham de setores da elite intelectual e econômica do país, como era seu caso. No Brasil vivia-se, no começo do século XX, um período de transformação da estrutura econômica agroexportadora, dominada pelo imperialismo inglês, com a qual a velha oligarquia cafeeira se associava. O país não se industrializava como poderia, condenando a maioria da população a uma vida miserável no campo. Mas isto mudava com as pressões industrialistas que a Primeira Guerra acirrava e que se traduzia numa composição social mais complexa da sociedade brasileira. Uma greve geral de 1917 em São Paulo sob o impacto da Revolução Russa; os movimentos no exército com os tenentistas; e a própria fundação do Partido Comunista em 1922, mostravam uma situação de crescente tensionamento social e econômico que se refletia na crise do sistema político oligárquico que desembocaria na revolução de 1930.

Nesse período, Mário Pedrosa começa a incursionar pelo jornalismo com artigos dispersos em vários jornais de São Paulo e Rio de Janeiro. Os primeiros textos de Pedrosa têm como assuntos principais a política nacional e a internacional e refletem seu interesse, ainda que inicial, pelo mundo das artes e cultura.<sup>6</sup> Aqui é possível resgatar os impasses iniciais de uma opção política e de vida daquele que seria um dos protagonistas mais ativos da militância socialista e da elaboração teórica crítica no Brasil.<sup>7</sup> Nesse momento, o jovem intelectual aproximava-se do Partido Comunista Brasileiro (PCB), ainda hesitava de sua vocação para a militância revolucionária,<sup>8</sup> e se constituía em torno dele um grupo de jovens ativistas diverso daquele dos intelectuais e artistas modernistas de São Paulo e do Rio de Janeiro. E, pouco a pouco, Pedrosa direciona o seu engajamento intelectual para as atividades do movimento operário. É o período em que Mariátegui acabara de desembarcar no Peru com

convicções renovadas depois do exílio europeu.

Pedrosa começa a participar, então, de vários projetos de publicações como a *Revista Proletária*, cujo único número sai em janeiro de 1926; da publicação do jornal *A Nação* que circulou no Rio de Janeiro durante alguns meses de 1927, até ser fechado pela polícia; ou das tentativas de organização em São Paulo da Sociedade dos Amigos da Rússia (NETO, 1993, p. 198, 199). São iniciativas, em grande parte, paralelas àquelas que Mariátegui, em Lima, realiza para impulsionar a revista *Amauta*, o Editorial Minerva, o periódico *Labor* e suas conferências e atividades com o movimento operário que se constituía.

A viagem internacional realizada por Mário Pedrosa em 1927 – ele havia sido enviado pelo PCB para a Escola Leninista em Moscou – lhe abriu caminho para se aproximar e tomar contato direto com os debates políticos – e também culturais – mais densos no interior do movimento comunista internacional. Essa viagem representa na trajetória pessoal de Pedrosa um lugar semelhante àquele que ocupou o exílio europeu de Mariátegui. A sua correspondência desse período demonstra que, antes mesmo de ter tido contato com a Oposição de Esquerda na Alemanha, Pedrosa já se opunha em vários pontos à política oficial tomada pela Internacional Comunista (IC) com a ascensão de Stálin. É possível, no entanto, comprovar em carta de dezembro do mesmo ano de 1927 que ele se coloca ainda com imparcialidade e busca não ter nenhum alinhamento prévio com as posições de lideranças no partido. E, portanto, é significativo o que diz sobre a expulsão de Trotsky: “agora, depois dos fatos consumados, expulsão etc., a razão individual deles só basta. O partido tem razão pois historicamente contra eles. Trotsky compreende tudo isso” (PEDROSA, 1927 apud NETO, 1993, p. 204). Mariátegui igualmente não se posiciona diretamente a respeito da polêmi-

<sup>6</sup> Dentre estas fontes documentais há uma série de pequenos artigos não assinados publicados no *Diário da Noite*, entre 1924-1926, sobre literatura e política e no *Diário de São Paulo*, em 1927: ver Catálogo Diários Associados: Mário Pedrosa: caixa 3375 – 32- 3 -1 – 0-0-0-6-0-10 no Arquivo do Estado de São Paulo.

<sup>7</sup> Outro conjunto documental são as 42 cartas redigidas entre 1923 e o final de 1930 e que foram publicadas no livro *Solidão Revolucionária* do historiador José Castilho Marques Neto.

<sup>8</sup> Diz um trecho desta carta: [Enviei uma carta ortodoxa ao camarada redator e mandei uns cobres para assinatura etc. depois fiquei assombrado de minha audácia e de minha ação... revolucionária], (NETO, 1993, p. 196). Em outra carta escreve: [Como é difícil vencer o ceticismo, ou melhor, o pessimismo. E a gente saber teoricamente, em abstrato, que a Revolução a de vir, virá um dia, é o bastante para sustentar nossa revolta, a nossa luta contra o presente Infame e necessário] (NETO, 1993, p. 198-199).

ca.<sup>9</sup> Os processos de alinhamento político não foram lineares e muito menos completos desde uma perspectiva doutrinária e ortodoxa sobre o pensamento socialista. Até 1928, pode-se afirmar que os partidos na América Latina em geral, se desenvolviam de forma muito independente uns dos outros e da própria Internacional Comunista. Ainda circulavam livremente textos dos clássicos marxistas e de dirigentes como Lênin e Trotsky e outros textos comunistas sem os filtros que depois o stalinismo irá impor à divulgação no Brasil.

Mário Pedrosa e o grupo oposicionista que começa a articular devem ser situados na grande crise ideológica e política que o movimento comunista viveu no final dos anos da década de 1920, um momento de opções, divisões e adesões que provocou uma grande efervescência intelectual e na qual ele e outros intelectuais comunistas dessa época tomaram posição de maneira independente e autônoma, porém inseridos em um quadro cultural e político mais amplo. E foi no ano de 1928 que se colocou para Mário Pedrosa e o seu grupo de camaradas a necessidade de tomar uma nova orientação que ele refletiu em carta de 14 de maio de 1928, e que lhe colocava um desafio: "como podemos, na nossa posição de intelectuais do partido no Brasil, continuar sem de nossa parte tentar definir a situação brasileira, sul-americana? [...] Não podemos continuar nessa irresponsabilidade [...] estamos todos falhando no nosso dever [...]" (PEDROSA, 1928 apud NETO, 1993, p. 292).

Esse é o mesmo quadro que situamos Mariátegui:

Tenemos que trabajar, por conseguinte, si queremos edificar algo solido, sobre bases netamente socialistas [...]. En este sentido se orienta nuestra actividad em el Perú, como habrá usted podido observarlo em 'Amauta' y 'Labor'. No me arrepiento de haber reivindicado mi independencia frente a Haya. He descubierto que no estaba solo: que mais puntos de vista correspondían a la clase que me interesa: la clase obrera (MARIÁTEGUI, 1984, p. 492).

A realização da 1.<sup>a</sup> Conferência Comunista da América Latina entre 1 e 12 de junho de 1929 teve impacto e provocou nesse exato momento uma crise no jovem PCB. Astrojildo Pereira, então secretário-geral, foi substituído como consequência da política de "proletarização" imposta pelo novo Secretariado Sul-americano. Outra consequência foi a desarticulação da orientação do Bloco Operário e Camponês (BOC), formulado inicialmente como uma frente operária e que se construía em uma ação mais ampla (KAREPOVIS, 2002, p. 49). Mário Pedrosa retorna ao Brasil em agosto de 1929 já com a disposição de articular no país uma seção da Oposição Internacional de Esquerda liderada por Trotsky e encontra grandes dificuldades para reagrupar os dissidentes comunistas. Era o mesmo momento em que as teses do partido Socialista de Mariátegui eram repelidas pelos dirigentes da IC.<sup>10</sup> Trata-se de uma real proximidade política entre o grupo de Pedrosa com o pequeno grupo de militantes do PS em torno de Mariátegui, no Peru, no mesmo período em que sofriam a pressão dos dirigentes da IC. No início da seção da Oposição de Esquerda brasileira, havia um Partido Comunista ainda em formação, com muitas debilidades organizativas e teóricas. Aqui há muitas identidades com os esforços iniciais que Mariátegui enfrenta no Peru para colocar em pé um partido operário em um país majoritariamente indígena e camponês e disputando dissidentes do Apra. Ambos se indagavam em suas correspondências sobre o papel do intelectual revolucionário.

### Os fios desiguais e combinados das economias latino-americanas

A recepção das ideias e textos de Mariátegui no Brasil foram muito mais lentas do que em outros países latino-americanos. A primeira informação divulgada em revista brasileira sobre ele é de

<sup>9</sup> O texto mais conhecido de Mariátegui sobre este debate - "O partido bolchevique e Trotsky" - foi publicado em 1925 (BELLOTTO, 1982, p. 181-185) e como o próprio autor reconhecia, foi construído sobre um número limitado de documentos e principalmente a partir da versão oficial e vencedora no partido comunista da URSS, que certamente desfavorecia e afastava qualquer simpatia pelas teses de Trotsky. Acrescente-se o fato de que em 1925 a polêmica estava longe de finalizar.

<sup>10</sup> Das teses apresentadas, a conferência questionou a forma de partido dos peruanos, que foi aprovada "com reservas". Da mesma forma, houve sérios questionamentos e divergências entre as teses redigidas por Mariátegui no texto "Sobre el problema de las razas em America Latina" e a orientação da IC, que postulava a respeito uma abordagem completamente doutrinária em defesa da autodeterminação das nações indígenas (MARIÁTEGUI, 1974, p. 21-46).

1935, em uma publicação conservadora chamada *A ordem*. E o livro *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana* tem a sua primeira edição brasileira somente em 1975. Pode-se afirmar que os canais políticos e culturais de difusão da obra foram restringidos principalmente por conta da percepção não ortodoxa com que as abordagens marxistas de Mariátegui e de leituras realizadas por membros do PCB de então produziram como imagem negativa do revolucionário peruano. É preciso recordar aqui que durante a Iª Conferência Comunista realizada em Buenos Aires, em 1929, o livro *Sete Ensaios* circulou entre os delegados, entre os quais havia quatro brasileiros, sem que se tenha qualquer notícia documentada ou conhecida acerca da repercussão no PCB da época.

Mariátegui é considerado um pioneiro do marxismo latino-americano, pensador profundo do desenvolvimento histórico do Peru e da América Latina. O seu espírito irrequieto não se contentava em repetir fórmulas e reflexões do marxismo vulgar, mas buscava abordar a teoria como ferramenta de análise e de ação transformadora.<sup>11</sup> Grande parte de suas ideias multiplicaram-se por sua intensa atividade jornalística. Entre as suas primeiras reflexões políticas originais destaca-se o debate sobre os camponeses andinos e a sua proximidade com os ideais coletivistas do socialismo. Defende Mariátegui que o programa socialista deveria incorporar a defesa das terras das comunidades indígenas em sua plataforma de lutas na medida em que essas preservavam as tradições de resistência e formas coletivistas não destruídas pelo estado inca, nem pela colonização espanhola: "O *ayllu*, célula do estado incaico, sobrevivente até agora, apesar dos ataques do feudalismo e do gamonalismo, acusa ainda vitalidade o bastante para se converter gradualmente, em célula de um estado socialista moderno" (BELLOTTO, 1982, p. 109). A situação de trabalhadores expostos a condições econômicas extremas os colocaria politicamente como índios camponeses ao lado dos operários na medida em que o coletivismo

dos indígenas tornava-os quase parceiros dos operários na luta pela socialização da produção. A questão camponesa-indígena relacionava-se, por outro lado, a um projeto de nação peruana que só se realizaria plenamente pela via socialista.

Essa perspectiva de construção das reivindicações nacionais – inclusive de formações econômicas pré-capitalistas – incorporando as diferentes etnias indígenas e suas especificidades econômico-sociais, superava qualquer visão linear da História universal. Isso se opunha compreensivelmente às concepções etapistas sobre a história que irão se cristalizar na IC pós Stálin. Mariátegui via o mundo andino como resultado de um desenvolvimento histórico e econômico desigual, heterogêneo e combinado, concepção que o aproximava no plano teórico das concepções defendidas, então, por Leon Trotsky a respeito da teoria da revolução (GALINDO, 1980, p. 82-89). Essa proximidade teórica com algumas das concepções de Trotsky, ainda que não o tornasse um Opositorista de Esquerda, criou conhecidas dificuldades para a aproximação política do grupo de militantes em torno de Mariátegui com a IC como vimos. Foi nesse sentido um inegável ponto de proximidade com Mário Pedrosa e sua abordagem do desenvolvimento brasileiro como veremos a frente.

Os primeiros capítulos do livro *Sete Ensaios* fornecem abordagens, por se concentrarem no debate econômico, para uma discussão com as proposições de Mário Pedrosa e em particular sobre as concepções comuns que analisam distantes da ortodoxia oficial da IC, o desenvolvimento histórico desigual e combinado, dialético, das sociedades e economias do Peru e do Brasil. A obra *Sete Ensaios* é considerada o ponto alto de elaboração do pensamento político e econômico de Mariátegui. Ele pensa o desenvolvimento econômico e social de um país na periferia do capitalismo e qual o lugar concreto das classes, do movimento geral da economia face à economia mundial. O capítulo que abre os *Sete Ensaios* se intitula "Esquema da evolução

<sup>11</sup> Uma interpretação que hoje se tornou referência nas análises sobre Mariátegui o localiza entre um conjunto mais amplo de autores "marxistas românticos", ao lado de A. Gramsci, G. Lukács e W. Benjamin. Michel Lowy destaca que essa afinidade com os outros autores citados se relaciona, em seu caso, a uma valorização revolucionária com os elementos pré-capitalistas do mundo andino ainda presentes no Peru moderno (LOWY, 2009, p. 26-27).

Econômica" e visa debater as bases econômicas da República peruana de então. A economia peruana do começo do século XX, entrelaçada pelos novos interesses econômicos britânicos e a exportação do guano e salitre, permitiu o aparecimento de uma indústria moderna e seu proletariado, o aparecimento de bancos nacionais, a gradual superação do poder britânico pelo estadunidense, o desenvolvimento de uma classe capitalista dentro da qual deixa de predominar como antigamente a velha aristocracia:

A classe latifundiária não conseguiu se transformar numa burguesia capitalista, dona da economia nacional. A mineração, o Comércio e os transportes, encontram-se nas mãos do Capital estrangeiro. Os latifundiários contentaram-se em servir-lhes de intermediários na produção de algodão e açúcar. Este sistema econômico conservou, na agricultura, uma organização, que se constituiu no mais pesado lastro do desenvolvimento do país (MARIÁTEGUI, 1975, p. 12-13).

Esse mesmo setor, segundo Mariátegui, cresce se entrelaçando com outras camadas dominantes e submetidas aos capitais internacionais: "Formou-se no Peru uma burguesia, confundida e entrelaçada na sua origem e estrutura, com a aristocracia, formada principalmente pelos sucessores dos encomenderos e latifundiários da colônia [...]". E, "As concessões do estado e os lucros do guano e do Salitre criaram um capitalismo e uma burguesia" (MARIÁTEGUI, 1975, p. 9-10).

Ele apresenta, portanto, os marcos nacionais de um desenvolvimento desigual e combinado da economia e sociedade peruana já controlada pelo capital financeiro internacional e que obstaculiza as possibilidades de uma burguesia nacional se consolidar como classe dominante independente:

Coexistem elementos de três economias diferentes. Sob o regime de economia feudal, nascido da Conquista, subsistem na serra alguns resíduos ainda vivos da economia comunista indígena. No litoral, sobre um solo feudal, cresce uma burguesia que, pelo menos em seu desenvolvimento mental, dá a impressão de uma economia retardatária [...] (MARIÁTEGUI, 1975, p. 9-10).

Mariátegui analisa a economia nacional de conjunto e não em setores apartados e contraditórios, mas sim conectados, combinados, igualmente

submetidos ao capital internacional. A burguesia peruana é limitada e submissa, sem energia para transformar e desenvolver o capitalismo do país. O impulso capitalista veio de fora e se chocou com estruturas coloniais, mas as submeteu, ainda que sem destruí-las. Os capitalistas locais não se dispuseram a impulsionar o próprio capitalismo pois supunham choques profundos com as antigas oligarquias e as suas estruturas econômicas. Se entrelaçaram aos métodos e modos de vida herdados das aristocracias coloniais de grandes proprietários (MARIÁTEGUI, 1975, p. 18).

No terceiro capítulo de *Sete Ensaíos* Mariátegui retoma com maior ênfase a avaliação sobre a incapacidade da burguesia nativa:

A revolução encontrou o Peru atrasado na formação de sua burguesia. Os elementos de uma economia capitalista são mais embrionários do que em outros países da América, onde a revolução contou com uma burguesia menos larval, menos incipiente (MARIÁTEGUI, 1975, p. 45).

A expressão dessa incapacidade ou limitação estrutural estaria na combinação da manutenção de estruturas de produção feudais com o capitalismo internacional:

O enfeudamento da agricultura do litoral aos interesses dos capitais e mercados britânicos e americanos, opõe-se não apenas a que ela se organize e se desenvolva de acordo com as necessidades específicas da economia nacional - mas também aqui ela ensaie e adote novas culturas... (MARIÁTEGUI, 1975, p. 71).

Mariátegui aborda de uma forma flexível, materialista e dialética, a realidade local. O aspecto que se destaca para nosso estudo é a notável similaridade histórico/metodológica das suas análises sobre o lugar de uma nação periférica frente ao desenvolvimento do capitalismo mundial com textos posteriores de Mário Pedrosa sobre o tema. O *Sete Ensaíos*, embora publicado em 1928, nos anos iniciais de Mário Pedrosa como militante e teórico político marxista, possui vasos comunicantes com a obra política mais madura ou consolidada de Pedrosa publicada, como os livros *Opção brasileira* e *Opção imperialista*, em 1966. Se refletem, aqui, leituras e concepções comuns de um marxismo revolucionário latino-americano



que se constrói teórica e praticamente confrontado com a realidade local. A reflexão sistêmica desenvolvida por Mariátegui articulando dialeticamente nos níveis nacional, latino-americano e mundial questões econômicas, sociais e culturais certamente aproximam-se das preocupações teóricas e do engajamento de Pedrosa, em suas intensas e pioneiras iniciativas para romper com o provincianismo nacional brasileiro tanto dos setores conservadores como da esquerda estalinista.

O primeiro trabalho teórico mais denso de Mário Pedrosa, o texto de 1930 "Esboço de Análise da Situação Econômica e Social do Brasil" que discutimos a frente, já expressa o que em Mariátegui nascera com os *Sete Ensaios* três anos antes, a disposição para a análise original e dialética que trazia o marxismo livre de entraves burocráticos, bem como a disposição para traduzir em ações e organização concreta o que em teoria se consolidava, a observação da realidade e das contradições específicas das economias latino-americanas dentro do quadro móvel da economia mundial capitalista. Rompia-se aqui com o eurocentrismo e o economicismo que começavam a se consolidar como supostas teorias históricas e etapistas para se pensar e se agir desde os movimentos revolucionários dos centros capitalistas mais avançados. Pedrosa constrói uma apreciação teórica sobre a realidade brasileira como expressão de uma ação intelectual e política consciente que busca, em toda sua extensão, elaborar uma reflexão livre e a contrapelo, expressão de uma militância revolucionária refratária a todo tipo de doutrinação e esquematismos impostos acima de qualquer investigação empírica ou genuína reflexão teórica.

As atividades de Mário Pedrosa na década de 1920, período em que Mariátegui elabora e publica *Sete Ensaios*, ainda que inicial e incipiente, se coloca igualmente acima de uma visão eurocêntrica de desenvolvimento histórico do capitalismo mundial, e incorpora uma perspectiva totalizante das contradições da realidade do Brasil e da América Latina como espaços econômicos e sociais complexos. Tratava-se de uma reflexão original sobre o desenvolvimento do capitalismo

e da formação histórica da realidade brasileira: é o célebre texto "Análise da Situação Econômica e Social do Brasil" redigida por Pedrosa e Lívio Xavier em 1930 (ABRAMO, 2015, p. 62-74). Ali se analisa também que a penetração imperialista inglesa e depois estadunidense, desestabilizava constantemente as estruturas políticas e econômicas e acelerava as contradições dos países coloniais e dependentes. A burguesia nacional não possuía base estável para construir seus sólidos alicerces sociais e econômicos:

A burguesia brasileira não tem bases econômicas estáveis que lhe permitam edificar uma superestrutura política e social progressista. O imperialismo não lhe concede tempo para respirar e o fantasma da luta de classes proletária tira-lhe o prazer de uma digestão calma e feliz. Daí sua incapacidade política, seu reacionarismo cego e velhaco e – em todos os planos – sua covardia. [...] Seja qual for o resultado da luta atual, a unidade no Brasil mantida pelo domínio da burguesia será garantida na razão direta da exploração crescente das classes oprimidas e do achatamento sistemático das condições de vida do proletariado. O grau mais ou menos elevado de sua consciência de classe, o tempo mais ou menos longo que ela levar para formar-se, decidirão da sorte dessa unidade (ABRAMO, 2015, p. 66-82).

Assim, a unidade nacional brasileira tendia a se esfacelar sob o peso da contradição entre o desenvolvimento desigual do capitalismo nos Estados regionais, fruto destas contradições. A forma da Federação Nacional brasileira, nas condições criadas pela pressão imperialista teve como resultado a guerra civil ou a chamada Revolução de 1930. A análise igualmente entrelaça o quadro nacional e internacional combinados do capitalismo com as insuficiências políticas da burguesia nativa em construir um projeto próprio de nação. Nas suas palavras:

A burguesia cafeeira perdeu de fato sua hegemonia sobre o estado e sobre a política do estado que exercerá até a Revolução de 1930... Não era ela, porém, nenhuma classe feudal expropriada por uma burguesia média ascendente... A burguesia industrial, nascida em grande parte de capitais acumulados na exploração capitalista do café, não fez contra ela nenhuma revolução; fez com ela um acordo, uma espécie de comodato para, juntas, em classe dirigente desfrutar do Estado. É confiada a ditadura o papel de fiel do convênio, o zelador do comodato (ABRAMO, 2015, p. 66-82).

Décadas depois Mário Pedrosa retoma essas teses em uma elaboração de conjunto da situação das economias capitalistas da região e dos novos impasses do Brasil frente à ditadura de 1964. No livro *Opção imperialista* de 1966, ele analisa as transformações do capitalismo desde o entre guerras. O objetivo central do livro é avaliar as novas tendências do imperialismo estadunidense como continuidade das chamadas reformas contrarrevolucionárias inauguradas pelo nazismo nos anos 1930. O capitalismo expresso pelas grandes corporações representaria um estágio ainda mais avançado de simbiose entre a ação dos governos dos Estados Unidos e os interesses por novos mercados vindos das grandes e gigantescas corporações. Por outro lado, Mário via esperanças no caráter cada vez mais social das grandes organizações econômicas no coração do capitalismo. Uma das conclusões que percebia era de que os proprietários privados, donos de empresas e grandes fazendas, haviam sido substituídos pelos burocratas ou dirigentes das grandes corporações, e aqui ele identificava a ex-URSS e os EUA como parte de um mesmo fenômeno de crescente socialização da máquina produtiva. Argumentava que o capitalismo se tornava cada vez mais uma máquina impessoal que separava o proprietário do processo produtivo (PEDROSA, 1966). Essa leitura vê a economia mundial como um todo orgânico que incorpora um desenvolvimento desigual e combinado de diferentes economias sob hegemonia do mercado mundial, incluindo-se aí as economias planejadas abigarradas.

Não deixam de ser interessantes, nesse sentido, as argutas observações de Pedrosa sobre o papel das novas tecnologias sobre a indústria dos EUA três décadas depois de Mariátegui. Em momentos diferentes, ambos refletiram intensamente sobre um mesmo tema: a dimensão tecnológica do capitalismo e as suas consequências, que foi acompanhada de perto e seria certamente incontornável para um intelectual organicamente ligado aos interesses do operariado. Mariátegui publica uma série de artigos críticos em 1927 na

revista *Variedades* sobre a situação da economia dos EUA e análises sobre o fordismo<sup>12</sup>. A automação não traria para Pedrosa consequências benéficas para os trabalhadores, como aumento da produção e diminuição da fadiga física, mas provocava o aumento da intensidade do trabalho e da exploração, de sofrimentos morais e psíquicos. Esse aumento da produção e corte dos empregos fazia com que a sociedade capitalista de consumo mantivesse uma grande massa de desempregados e miseráveis e uma camada de consumidores que desperdiçavam e consumiam mesmo o que não precisavam, aumentando os fenômenos da alienação do trabalho. A suposta democracia dos EUA era vista por Mário Pedrosa como cobertura de um verdadeiro regime totalitário, no qual o homem virara um pequeno átomo, tomado pelas propagandas, pelo consumo e pela alienação. Tudo para consumir ou confiscar o seu tempo livre. Apenas o socialismo garantiria como resultado do tempo livre ganho pelo aumento da produtividade geral do trabalho, mais democracia e liberdade para a humanidade. Mas para isso não bastaria apenas tomar o poder político.

Mário Pedrosa talvez sem dimensionar, dava continuidade a uma disposição no pensamento revolucionário latino-americano que José Carlos Mariátegui já havia antes demarcado: uma abordagem não dogmática que permitia um olhar em profundidade das sociedades e economias latino-americanas em conexão com um olhar igualmente dialético e internacionalista que se constituiu em um eixo de ligação entre os dois autores. Foi e segue sendo expressão prática e teórica de uma geração que despertou para a luta revolucionária e que ousava ir além das fórmulas prontas, dos ceticismos políticos e ortodoxos da esquerda oficial.

### A criação cultural livre e a crítica aos dogmatismos

Um notável outro elo mais amplo de proximidade entre os dois pensadores pode ser localizado em suas críticas e preocupações comuns no

<sup>12</sup> Ver em particular seu ensaio "El caso y la teoría de Ford" (MARIÁTEGUI, 1974, p. 151-154).

campo da cultura desde uma abordagem crítica e autônoma. Eles não só pertencem a um mesmo impulso e momento histórico, ambos atuaram como verdadeiros agitadores culturais defendendo posições de grande proximidade sobre a liberdade de criação dos artistas e da cultura.

A atividade de impulsionador cultural desenvolvida por Mariátegui é bem conhecida. A fundação da revista *Amauta*, em 1926, surgiu como parte de uma estratégia mais ampla e ambiciosa que buscava selecionar e agrupar uma vanguarda cultural e aproximá-la da vanguarda política revolucionária. A revista se associava, em grande medida, ao projeto editorial Minerva. Essas iniciativas possuem interessantes identificações com as primeiras iniciativas que Pedrosa abraça nos anos 1930, como pioneiro na tradução, edição e difusão sistemática de clássicos do marxismo no Brasil, além de agitador de diferentes publicações como jornais e revistas. Mariátegui é crítico ácido das instituições nacionais da cultura peruana tomadas pelo conservadorismo e provincianismo, vistas por ele como instrumentos de poder para conservar reputações intelectuais consolidadas (MELIS, 1999, p. 48). São questões que antecipam os debates posteriores sobre a indústria cultural e as questões relacionadas a organização material da cultura. A mercantilização das obras literárias, como de toda a arte pelo capitalismo, teria como reflexo a alienação dos artistas da sociedade burguesa. Aqui há evidentes afinidades com as reflexões e ações posteriores de Mário Pedrosa sobre esses temas (PEDROSA, 1986, p. 35-47).

Mariátegui estava seriamente comprometido com as posições em defesa da liberdade intelectual com um claro rechaço às deformações propagandistas da literatura engajada.<sup>13</sup> As suas observações sobre os primeiros experimentos culturais da Rússia soviética da década de 1920 tomavam distância de celebrações hagiográficas, estáticas e idílicas das conquistas da revolução

como expressão de um suposto realismo proletário. Encontramos páginas admiráveis de Mariátegui já na década de 1920 concordando com as posições de Trotsky e Lunacharski a respeito das suas críticas comuns aos problemas políticos da cultura e da arte, ao alinhamento ideológico e político dos artistas como política oficial. As simpatias às posições de Trotsky sobre as teorias da arte revolucionária são bem conhecidas, as expõe e divulga. Mariátegui concorda com as posições de Trotsky<sup>14</sup> e Lunatcharski contrárias à possibilidade de uma cultura proletária negadora da herança cultural do passado e as propostas em voga de "pintar o povo" mas distantes de qualquer proposta realmente inovadora em termos técnicos e estéticos:

Os estadistas da nova Rússia não compartilham as ilusões dos artistas de vanguarda. Não acreditam que a sociedade ou a cultura proletárias possam produzir uma arte própria. Mas esta posição não diminui seu interesse em ajudar e estimular o trabalho impaciente dos artistas jovens (MELIS, 1999, p. 32).

Os debates e posições identificadas nos textos seguintes de Mariátegui, são comuns àquelas defendidas por Anatoli Lunatcharski:

O proletariado precisa continuar trabalhando também na elaboração de uma cultura proletária [...] Mas, ao mesmo tempo, o proletariado não pode deixar de lado todos os tesouros culturais que o passado deixou para ele como herança. Ele precisa necessariamente explorar o imenso aparato da ciência e do ensino [...] Ele precisa explorar as Academias, universidades, museus, laboratórios, escolas, teatros, concertos, exposições etc. (LUNATCHARSKI, 2018, p. 63).

O tema da alienação dos artistas na sociedade burguesa – de larga discussão entre os autores marxistas – é recorrente em seus textos, que se expressa em sua leitura a respeito da hostilidade permanente do capitalismo pela arte que não pudesse se tornar imediatamente valor de troca, mercadoria. Recusa-se Mariátegui a construir juízos de valor a partir de uma dedução mecânica da

<sup>13</sup> E sob essa perspectiva seria absolutamente compreensível que se opusesse ao dirigismo demagógico da "arte realista", muito mais à catástrofe que viria com o chamado "realismo socialista" e a perseguição sistemática aos artistas não alinhados às diretrizes estético-políticas emanadas do stalinismo.

<sup>14</sup> Em *Literatura e Revolução*, Trotski afirmaria em 1924 que "É fundamentalmente falso opor cultura e arte burguesa à cultura e arte proletárias. Estas últimas de fato não existirão jamais, porque o regime proletário é temporário e transitório. A significação histórica e a grandeza moral da revolução proletária residem no fato de que esta planta os alicerces de uma cultura que não será de classe, mas pela primeira vez verdadeiramente humana" (TROTSKI, 1980, p. 25).

localização ideológica ou política de um escritor ou artista, é um rechaço a ideologização da arte, da obra e do artista. O exemplo, destacado já por Antonio Mellis, sobre a atitude de Mariátegui em relação ao poeta Jorge Manrique parece exemplar:

Jorge Manrique no es responsable sino de su poesía. No le imputemos ningún lema ajeno a su verdadero pensar. Releamos sus versos sin atenernos a especiosos fragmentos, ficticiamente recortados. Con su poesía tiene que ver la tradición, pero no los tradicionalistas. Porque la tradición es, contra lo que desean los tradicionalistas, viva y móvil. La crean los que la niegan, para renovarla y enriquecerla. La matan los que la quieren muerta y fija (MELIS, 1999, p. 129-130).

Isso não significa que o repúdio ou oposição de certos artistas ao capitalismo significasse uma identificação com a perspectiva libertária de uma revolução socialista, mas, muitas vezes, um repúdio de caráter reacionário em busca de supostos privilégios de um passado aristocrático (MELIS, 1999, p. 37). Se opõe, portanto, ao que alguns chamaram de "populismo neozoliano" em referência às abordagens falsamente proletárias próximas do realismo de Émile Zola e a aposta nas vanguardas artísticas. Criticava asperamente o que chamava de "populismo" das artes, a demagogia de temas populares, um realismo naturalista espelhado em Zola que estava longe de se resumir e se identificar mecanicamente com posições revolucionárias:

O artista que não vive as agitações, as inquietações, as ânsias de seu povo e de sua época, é um artista de sensibilidade medíocre, de compreensão anêmica. Ao inferno com os artistas beneditinos, enfermos de megalomania aristocrática, que se enclausuram numa decadente torre de marfim! (BELLOTTO, 1982, p. 197).

Uma nova forma de arte nascida da revolução estaria associada não simplesmente a ideia de um realismo proletário, mas a fantasia e ao experimentalismo estético livre em suas formas e temáticas, o que se aproximava da sua proposta articulada em torno da revista *Amauta* e de sua admiração pelo projeto surrealista. Mariátegui tem

uma atitude aberta e livre em relação aos artistas, para além de suas eventuais e equivocadas posições políticas. Da mesma forma, sua conhecida afirmação de que um livro de James Joyce poderia ser mais útil e rico para uma crítica revolucionária que aqueles inspirados no naturalismo de Zola diz muito a respeito destas questões:<sup>15</sup>

Interessa-nos a sinceridade e a nudez da literatura burguesa. Mais ainda, interessa-nos seu cinismo. Que nos faça reconhecer toda a perplexidade, todas as fraquezas, todos os desacertos do espírito burguês [...] Artisticamente, esteticamente, a única possibilidade de permanência desta literatura está na vigorosa – e escandalosa – sinceridade. Sobre a mesa de trabalho do crítico revolucionário, independentemente de toda consideração hierárquica, um livro de Joyce será sempre um documento mais valioso que o de qualquer neo-Zola (BELLOTTO, 1982, p. 203).

Mário Pedrosa foi intelectual dessa mesma cepa. Introduziu, já a partir de 1933, a mais sólida interpretação marxista na crítica de arte no Brasil e, desde então, com um posicionamento independente daqueles que se delineavam a partir do congresso de Karkov, em 1930, e depois o Congresso de 1934, que estabeleceria o "realismo socialista". A sua posição como crítico da cultura foi marcada pela independência sem jamais separar a defesa da arte de vanguarda da revolução social. A dimensão política da criação artística para Mário Pedrosa ia além da criação, adquiria uma dimensão mais ampla, coletiva e profunda como possibilidade de libertação da humanidade do jugo do capitalismo, ou o "exercício experimental da liberdade" (ARANTES, 2004, p. 14-15).

No entanto, é de se notar que Mário Pedrosa, embora tenha preservado em toda a sua longa carreira de crítico de arte uma postura coerente com a ampla liberdade artística e com empenho particular em defesa das propostas vanguardistas, aparentemente não buscou organizar em tal profundidade, como o fez Mariátegui com a revista *Amauta*, uma articulação maior entre as vanguardas da luta política e cultural a não ser no período inicial do jornal Vanguarda Socialista no imediato

<sup>15</sup> Antonio Mellis busca aproximações e diálogos de Mariátegui com Mao, ao mesmo tempo que busca resguardar Mariátegui de suas simpatias com posições de Trotski (ver MELIS, 1999, p. 67).

pós segunda guerra. A relativa independência dos intelectuais e artistas – entre os quais se incluía Pedrosa – ainda que identificados em geral com a esquerda e o socialismo, poderia levá-los a aproximações e oscilações conservadoras ou diretamente oportunistas. Provavelmente, o afastamento de Mário desses objetivos se relacionasse ao seu afastamento do leninismo em 1940 e com a perspectiva de se construir uma vanguarda política revolucionária para disputar a hegemonia política.

A atuação de Pedrosa como crítico de arte começou bem cedo, no momento em que crítica provinha ainda centralmente da literatura. Na universidade, no começo da década de 1920, tomara contato com Mário de Andrade e os modernistas. Alguns anos depois, mantém contato com os militantes da revista *Clé*, com o intelectual e militante Pierre Naville e os surrealistas franceses. Sobre o surrealismo, há evidentes e novas identidades a se explorar e que destacam as análises de Mariátegui e Pedrosa em suas abordagens sobre o lugar da experimentação literária e artística como expressão contestatária a uma crise mais geral das sociedades capitalistas. A admiração de Pedrosa pelos surrealistas transborda seus textos e exalta a capacidade de rupturas libertárias:

A poesia surrealista desarruma o cotidiano. O poeta e o artista tem por missão retificar continua e vivamente a lei, quer dizer, a ordem. [...] Os surrealistas queriam quebrar as cadeias do cotidiano intrinsecamente redundante e vulgar, introduzindo nele a dinamite do insólito [...] (PEDROSA, 1986, p. 162).

Mariátegui, nesse mesmo sentido, vira o surrealismo como uma corrente vanguardista de imensa capacidade corrosiva e profundidade teórica que o encantava, mas sem uma exaltação exagerada das vanguardas, para quem o surgimento de uma verdadeira arte nova dependeria também de uma renovação das suas formas (MELIS, 1999, p. 37, 43).

Os anos 1930 são de ruptura política e econômica no Brasil, uma década de virada histórica da dominação burguesa e também da crítica de artes. Começa-se a notar no período o surgimento de uma nova geração de artistas com mensagens sociais de luta de classes, como Lívio Abramo e

suas xilogravuras sobre a luta dos operários, a exploração nas fábricas e a solidariedade de classes. É o momento também em que a pintora Tarsila do Amaral está em sua fase social e pinta telas com temas de operários. Na sociedade brasileira, aprisionada pelo atraso colonial e pela dominação imperialista crescente, a função social da arte poderia, aos olhos de Mário Pedrosa, assumir uma função de ajuda à libertação dos oprimidos. O crítico de arte poderia ajudar a desenvolver a sensibilidade artística e a consciência, ajudando o homem a superar a alienação imposta pelo capitalismo (ANDRADE, 2014, p. 337-356).

A sua proximidade com os artistas franceses do movimento surrealista, encabeçado pelo escritor francês André Breton e a sua militância trotskista, abriram novos caminhos. Esse, junto com Leon Trotsky e Diego Rivera, escrevera o célebre "Manifesto por uma arte Revolucionária e Independente" de 1938, defendendo a total liberdade para a arte e a sua essência profundamente revolucionária. O manifesto em grande medida identificava ameaças tanto do fascismo como do stalinismo à liberdade artística – e propunha articular a (Federação Internacional de Artistas Revolucionários e Independentes (FIARI), projeto engolfado pelo cataclismo da Segunda Guerra e fragilizado pelo assassinato de Trotsky em 1940 – mas que em certa medida, e ainda que sem quaisquer referências explícitas, dialogava com o mesmo projeto inspirador da Amauta forjada por Mariátegui nos anos de 1926 e sua posição libertária.

Na sua volta ao Brasil, em 1945, após o exílio durante a ditadura Vargas, Pedrosa retoma a militância e lança o jornal *Vanguarda Socialista* agrupando militantes da esquerda independente. Será através dessa publicação que as ideias centrais do Manifesto por uma Arte Revolucionária e Independente, que ele traduziu ao português, serão difundidas. Em 1947, Pedrosa passa a escrever sobre artes plásticas no *Jornal do Brasil*, defendendo um movimento artístico e intelectual de vanguarda. Poetas como Ferreira Goulart e Mario Faustino foram apoiados e ganharam visibilidade. Esteve presente nos grandes eventos de arte a partir dos anos 1950, principalmente

em São Paulo e Rio de Janeiro. Foi curador da Bienal de Arte de 1961. Como ele mesmo definia seu trabalho, tratava-se de ver a arte como o exercício experimental da liberdade, pensando nos artistas que buscavam em suas obras de arte ações permanentes para todos como gestos e ações coletivas. Ele acreditava, nessa época, no surgimento possível de uma grande arte livre, coletiva e total como fruto da comunicação do homem moderno e do desenvolvimento das forças produtivas sob o socialismo.

Para Mário Pedrosa, o artista capaz de se aproximar da natureza, da sociedade, auxiliava na formação de uma consciência de classe para os trabalhadores. A arte provinha da natureza e da capacidade cada vez maior do homem controlá-la. A própria criação de materiais e técnicas se refletia na evolução dos estilos artísticos. O capitalismo, porém, levava o homem a se distanciar da natureza. Os artistas que cultuavam o moderno como novo Deus estavam, por outro lado, e na verdade, distanciando o homem do resgate da natureza, ajudando a aprisioná-lo no mercado capitalista ou no apoio a uma casta burocrática e parasitária como a dos dirigentes da antiga União Soviética. A verdadeira arte do proletariado deveria recuperar a relação da sociedade com a natureza. Nessa medida, a posição de Pedrosa sobre a arte no período inicial da Revolução Russa aproxima-se igualmente das posições de Mariátegui. A sua crítica à arte proletária ganha uma dimensão mais profunda por conta de sua experiência e vivência posterior com o stalinismo, aqui apenas perceptível indiretamente nos textos de Mariátegui. Mas Pedrosa pôde relacionar os limites e impasses do vanguardismo artístico da URSS em outra dimensão que dialogava com as preocupações do Amauta limenho:

A demanda de uma arte ou cultura proletária foi a mediação para se passar de uma arte de vanguarda, da arte em si mesma revolucionária que se fazia já nos primeiros momentos da revolução, e foi suprimida aos poucos por motivos políticos e obscurantistas e da miséria generalizada [...]. A verdadeira arte da revolução foi a que surgiu espontaneamente dos jovens artistas da época [...]. Moscou e Petrogrado

estavam então na vanguarda da vanguarda das artes em todos os domínios...Quando Stálin chegou ao ápice do poder, tudo mudou. O partido oficial condenou in limine as atividades desses artistas, grandes artistas que iriam marcar para sempre a arte de nosso século (PEDROSA, 1986, p. 199-205, grifo do autor).

Se para Mário Pedrosa a arte e a política caminhavam juntas, os caminhos para superar o capitalismo e libertar a criação artística convergiam. A brutalidade do capitalismo e dos meios de comunicação deveriam ser superados, porque o materialismo grosseiro da sociedade burguesa ajudava a fazer da cultura e das artes um privilégio dos ricos, reproduzindo a miséria cultural ao mercantilizar todas as esferas da sociedade. A sociedade capitalista transformava o homem moderno trabalhador em incapaz de enxergar a riqueza artística do mundo, impedido de ter uma imaginação livre e inovadora. Seria preciso fornecer, através de uma nova educação artística, a possibilidade para desenvolver a sensibilidade e a criatividade das crianças, o sentido das emoções que dão ao homem o impulso espontâneo natural para criar o novo.

Em célebre polêmica publicada no jornal do Brasil em 1957, ele se ancora em Baudelaire para combater a arte que se submete aos ditames da propaganda política<sup>16</sup>. É todo o debate de Mariátegui nos anos da década de 1920 que se retoma aqui sob outras formas e lugares. Já foi observado que ainda que desaparecido prematuramente, Mariátegui recusava-se a consolidar um sistema de pensamento ou espírito que poderia sugerir um enrijecimento contrário ao seu pensamento aberto, livre, crítico e dialético. Ainda que essas características e seu desaparecimento aos 35 anos nos impeçam de ver uma maturação plena de suas concepções de obra artística, suas reflexões sobre o realismo foram suficientemente profundas para oferecer referências fundamentais (MELIS, 1999, p. 34). Pedrosa alimentava igual esperança de que o poder libertador e revolucionário da arte poderia surgir com a superação do capitalismo como grande arte coletiva que expressasse também uma ampliação da comunicação e um amplo desenvolvimento das forças produtivas.

<sup>16</sup> *Jornal do Brasil*, Ponto de vista do crítico, 17 jan. 1957 (ARANTES, 2004, p. 22).

## Considerações finais

A atividade diretamente política de Mariátegui como de Pedrosa esteve desde sempre enlaçada com a atividade teórica. Houve um posicionamento intelectual, militante e pessoal com a vida, o país e o futuro que provavelmente os tornou, sem o saberem, parceiros desconhecidos de um projeto que compartilhavam intensamente ao longo de muitos anos. A notável, curta e intensa trajetória pessoal de Mariátegui colocada lado a lado com a igualmente notável e intensa, porém longa, caminhada de Mário Pedrosa nos instigam a especular sobre um futuro que Mariátegui não teve mas que se prolongou nos passos de outros membros de sua geração de atos e ideias comuns.

## Referências

ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis. *Na contracorrente da História: documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940)*. São Paulo: Sundermann, 2014.

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. Mário Pedrosa. In: PERICÁS, L. B.; SECCO, L. (org.). *Intérpretes do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2014.

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. Mário Pedrosa, o golpe de 1964 e a crítica ao desenvolvimentismo. *Perseu*, IS. I., ano 7, n. 11, p. 263-279, fev. 2016.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. *Mário Pedrosa: itinerário crítico*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

BELLOTTO, Manoel L.; CORRÊA, Anna Maria M. (org.). *Mariátegui, Política*. São Paulo: Ática, 1982. (Coleção grandes cientistas sociais)

BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista 1919-1943*. São Paulo: Sundermann, 2007.

COTLER, Julio. *Peru: classes, estado e nação*. Brasília: Funag, 2006.

ESCORSIM, Leila. *Mariátegui, vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

FIGUEIREDO, Carlos Eduardo de Senna. *Mário Pedrosa, retratos do exílio*. Rio de Janeiro: edições Antares, 1982.

GALINDO, Alberto Flores, *La agonía de Mariátegui: la polémica com la Komintern*. Lima: Desco, 1980.

KAREPOVS, Dainis. *Luta subterrânea – o PCB em 1937-1938*. São Paulo: Ed. Unesp/Ed. Hucitec, 2002.

KAREPOVS, Dainis; MARQUES NETO, José Castilho. Os trotskistas brasileiros e suas organizações políticas (1930-1966). In: KAREPOVS, Dainis; MARQUES

NETO, José Castilho. *História do marxismo no Brasil*, vol. 5, Campinas: editora Unicamp, 2002 p. 103-155.

LUNATCHÁRSKI, Anatoli. *Revolução, arte e cultura*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Alfa-omega, 1975.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Correspondencia (1915-1930)*. Lima: ed. Amauta, 1984. tomos I e II.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Defensa del marxismo*. Lima: Ed. Amauta, 1974.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Ideologia y política*. 5. ed. Lima: Ed. Amauta, 1974. p. 21-46.

MARQUES NETO, José Castilho (org.). *Mário Pedrosa e o Brasil*. São Paulo: fundação Perseu Abramo, 2001.

MARQUES NETO, José Castilho. *Solidão revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*. São Paulo: Paz e terra, 1991

MELIS, Antonio. *Leyendo Mariátegui*. Lima: Amauta, 1999.

PEDROSA, Mário. *Mundo, homem, arte em crise*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

PEDROSA, Mário. *Opção Imperialista*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1966.

PEDROSA, Mário. *Opção brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1966.

*Ponencias del simposio internacional 7 ensayos: 80 años*, Lima: ed. Minerva, 2009.

QUIJANO, Aníbal. José Carlos Mariátegui: teoria e política. In: AMAYO, Enrique; SEGATTO, José Antonio (org.). *J. C. Mariátegui e o marxismo na América Latina*, Araraquara: Cultura Acadêmica, 2002.

TROTSKI, Leon. *Literatura e revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

VILLARAN, Jorge. *Mariátegui, el Apra y la III Internacional*. Lima: Graphos 100 Editores, 1987.

---

## Everaldo de Oliveira Andrade

Doutor em História econômica pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil. Professor da Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil; professor da Universidade de São Paulo (USP) em São Paulo, SP, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

Everaldo de Oliveira Andrade

Universidade de São Paulo/ FFLCH – Departamento de História

Avenida Professor Lineu Prestes, 338

05508000

São Paulo, SP, Brasil